

## Batom vermelho

A água fria escorria pela velha torneira da pia e molhava suas mãos delicadas e finas enquanto o silêncio melancólico tomava conta da casa, espreitando pelos cantos e se instalando nas áreas mais frias dos cômodos. Marta, já acostumada com tal silêncio, terminou de lavar os pratos sujos, os quais o seu marido tinha deixado antes de sair para trabalhar, e foi tirar a maquiagem do rosto. Ele não gostava quando ela fazia isso, era muito vulgar e chamativo, mesmo que para Marta fosse uma forma de ficar bonita para o “homem da sua vida”, uma tentativa miserável de conseguir um elogio de quem ela ama. Os olhos cansados da mulher observaram o próprio reflexo no espelho e foram direto para os seus lábios carnudos e vermelhos. Ele tinha dito que ela parecia uma vagabunda com aquele batom.

Marta tirou a cor da sua boca e um grito silencioso ecoou dentro do seu peito, foi o mesmo grito de quando seu marido falou para ela não comer muito chocolate porque ficaria gorda e ele iria deixá-la e, dessa forma, permaneceria sozinha para o resto da vida, já que ele era o único cara que a suportava. Marta forçou o vômito várias vezes por duas semanas e recebeu vários elogios das amigas, as quais até perguntaram qual era a receita para ser magra como ela. A mulher sorria e mentia dizendo que seguia uma restrição alimentar que tinha visto na internet e, a cada sorriso de falsa felicidade, seu ser ia perdendo a cor, assim como os seus lábios no seu reflexo no espelho do banheiro.

Agora, seu semblante estava sem nada. Era pálido como a Lua e escasso de vida, com dois olhos fundos e exaustos que enxergavam os amigos do marido conversando na sala enquanto ela preparava um café para eles em silêncio, porque de acordo com o que tinham dito, ela não possuía conhecimento sobre economia ou qualquer outro assunto que eles estivessem conversando. “Mulheres gostam de roupas, filmes românticos e filhotes”, seu marido dizia toda vez que ela tentava se enturmar e colocar o que realmente sabia para fora. Marta continha o grito silencioso e sorria. Quando os amigos dele iam embora ela tentava discutir com seu companheiro e dizer o quanto ficava magoada com a situação e que tais palavras a machucavam profundamente, mas tudo acabava em lágrimas por parte dela. Ela era a culpada. Seu rosto estava carregado de tristeza e aqueles olhos que a observavam no espelho retratavam sua alma frágil e engaiolada dentro do próprio corpo, e atrás desses olhos tinha uma mente que se lembrava de todas as vezes que ela ficava sem entender o sofrimento envolvido no relacionamento, e das vezes que lhe disseram que o amor machucava mesmo, era um sentimento cheio de espinhos e cascalhos. Para Marta o amor que machuca é um amor mal interpretado, para ela esse sentimento é um dos mais puros que existe na face da terra e quem realmente maltrata são os humanos, os quais culpam o amor pelo simples fato de não saberem amar.

No entanto, seu ponto de vista sobre tal sentimento ficava comprimido dentro de si e com o peso das palavras não ditas entre seus pulmões, as lágrimas escorriam por sua bochecha e caíam delicadamente na pia do banheiro. Os braços de Marta estavam tremendo, ela simplesmente não aguentava mais a dor de só escutar “eu te amo” do seu marido quando os dedos dele estavam abrindo o zíper de seu short. Não suportava mais ser reprimida por pensar diferente sobre alguns assuntos e queria gritar para os quatro ventos o quanto a sua infelicidade a deixava em pedaços, mas se todos ao seu redor são cegos até para os hematomas na carne de outras mulheres, imagina se vão enxergar as cicatrizes da alma dela?

Então, com tantos devaneios, Marta cansou. Cansou de manter a máscara da esposa perfeita, cansou de ser algo que não é e que muito menos existe. Ela estava exausta de aceitar a dor como recompensa e decidiu criar uma revolução dentro do seu peito. Marta percebeu que a cada ano que passava ao lado de seu marido, as coisas iam piorando, apodrecendo e se desgastando. Ele foi mostrando quem realmente era através das palavras tóxicas que jorravam de sua boca e ela, incapaz de perceber o quanto ele lhe fazia mal por conta das mentiras e promessas de amor que plantaram na sua cabeça, não conseguiu deixá-lo...

Mas agora, a porta da casa estava aberta e o vento corria pelos cômodos vazios, afastando o silêncio tristonho com seu assóvio suave. A injustiça foi parar na lixeira da cozinha vazia e toda a melancolia desapareceu quando as gavetas do armário deixaram de ter roupas. As janelas ficaram escancaradas e os raios de sol tomaram conta de um quarto sem vida com uma cama de casal no centro, iluminando a cabeceira que, a alguns minutos atrás, possuía simples pertences e, no banheiro, em cima do balcão da pia, um batom vermelho recém usado deixado para trás.